



A PERIFERIA URBANA NA CIDADE EM FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL

MARIA ENCARNÇÃO BELTRÃO SPOSITO (Org.)

CONSEQUÊNCIA

 CAPES

MARIA ENCARNAÇÃO BELTRÃO SPOSITO
(organizadora)

Dedalus-Acervo-IAU



93000008095

A PERIFERIA URBANA NA CIDADE EM FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL



CONSEQUÊNCIA

Class. 711.59
Cutter. P442.8
Tombc 5951
Sysno 3261961

© 2025, dos autores

Direitos desta edição reservados à
Consequência Editora
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
ed@consequenciaeditora.com.br
www.consequenciaeditora.com.br
BlogdaConsequência

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação,
no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei no 9.610/98).

Conselho editorial

Alvaro Ferreira
Carlos Walter Porto-Gonçalves (*In memoriam*)
João Ferrão
João Rua
Marcelo Badaró Mattos
Márcio Piñon de Oliveira
Marcos Saquet
Martina Neuburger
Ruy Moreira
Timo Bartholl

Coordenação editorial e projeto gráfico: Consequência Editora

Revisão: Victor Reichenheim

Diagramação: Oliveira e Filho

Capa: Tiago Rodrigues

Imagem de capa: Wassily Kandinsky, *Jaune, Rouge, Bleu*, 1925

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) DE ACORDO COM ISBD

P442 A Periferia Urbana na Cidade em Fragmentação Socioespacial
/ organizado por Maria Encarnação Beltrão Sposito. -
Rio de Janeiro : Consequência Editorial, 2025.
632 p. : il. ; 15,5 x 23cm.

Inclui bibliografia e índice.

ISBN: 978-65-83435-04-0

1. Geografia. 2. Cidade. 3. Periferia. 4. Urbana. 5. Fragmentação. 6.
Socioespacial. 7. Sposito. I. Sposito, Maria Encarnação Beltrão. II. Título.
2025-649

CDD 910
CDU 91

PREFÁCIO

Periferias urbanas em transformação: a fragmentação socioespacial como processo

Cibele Saliba Rizek

A PERIFERIA URBANA NA CIDADE EM FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL é um livro instigante porque ora enfrenta e ora apenas tangencia as questões que caracterizam as áreas periféricas das cidades em diferentes regiões do país. Tive o prazer de conhecer esses temas e seus enfoques em seminário realizado pela equipe de pesquisa que levou a cabo o projeto “Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos” (FragUrb). Os resultados desse esforço considerável de pesquisa tocam em alguns pontos nevrálgicos e bastante sensíveis dos estudos sobre a cidade e os processos de urbanização no Brasil. A referência à cidade brasileira é, no livro que o leitor tem em mãos, muito mais do que figura de linguagem, já que não se refere às áreas urbanas de uma ou duas regiões do país, nem a uma ou duas metrópoles nomeadas, tomando a parte pelo todo, como a realidade passível de caracterizar o urbano no âmbito nacional. Numa perspectiva ao mesmo tempo ousada e inequivocamente coletiva, este livro é o resultado de um esforço de pesquisa necessariamente realizado em equipe, por sua extensão e por sua densidade, esforço concretizado no âmbito do desenvolvimento bem-sucedido de um Projeto Temático financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e, em paralelo, do projeto “Fragmentação socioespacial e urbanização contemporânea” (FragUrb), apoiado pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (Capes), vinculado ao programa PrInt/Unesp, que possibilitou interlocução e cooperação com pesquisadores de outros países.

A partir dos olhares, das dimensões e da condição a um só tempo urbana e periférica, os temas abordados nos capítulos têm como eixo e como mote as transformações contemporâneas – leia-se das últimas décadas – que vêm incidindo sobre as cidades brasileiras. Essas transformações, que, ao mesmo tempo, alteram e reforçam desigualdades, são interpretadas a partir das lentes da fragmentação socioespacial. Essas lentes provenientes desse enfoque que marca os projetos de pesquisa cujos resultados compõem os quatro volumes publicados a partir dessas investigações, dentre as quais este livro em particular, desdobram-se em questões que são núcleos de interrogação a respeito das conformações recentes do urbano no Brasil. Assim, apenas para citar um dos temas presentes nesses núcleos de questões, a persistência e ao mesmo tempo as transformações das relações centro-periferia ou centralidades e periferias, identificadas em suas pluralidades, especificidades e elementos transversais, se desdobram a partir de similaridades entre as áreas urbanas, assim como em particularidades que permitem perceber dinâmicas, conformações, práticas, agentes e sujeitos citadinos, isto é, da e na cidade, nas tramas de suas desigualdades que se desenham e desenham os espaços. A pesquisa debruçou-se sobre dez áreas urbanas em contextos e de características e dimensões diversas: Chapecó, Dourados, Ituiutaba, Marabá, Maringá, Mossoró, Presidente Prudente, Ribeirão Preto e dois distritos urbanos da metrópole de São Paulo – Cidade Tiradentes, na Zona Leste paulistana, e Pimentas, em Guarulhos. Algumas dessas cidades podem ser compreendidas dentro do espectro de um objeto que historicamente foi perseguido pela coordenação do grupo e pela organizadora deste livro. Trata-se do tema das cidades médias vistas não apenas a partir de sua escala, mas de uma particularidade que perpassa suas dinâmicas de produção, de reprodução e de expansão de suas fronteiras. Esse espectro não teria sido deixado de lado, mas incorporado como uma das interrogações de pesquisa ao lado da compreensão de periferias de São Paulo e de Guarulhos.

Por um lado, é preciso reconhecer que o projeto foi de grande ousadia. Na verdade, a pesquisa em dez cidades localizadas em diferentes regiões do país demandou uma intensidade e um grau de dedicação e de organização gigantescos. Nesse caso, a formação das equipes de pesquisa em sua extensão e em seus rendimentos tanto em campo como nos desdobramentos de sistematização e análise demonstram a capacidade de formação, coordenação e interlocução entre pesquisadores de diferentes gerações, em mo-

mentos diversos de sua produção e de sua inserção acadêmica. Por outro lado, essa ousadia permite que se supere uma leitura por demais enraizada em **um** contexto urbano e regional, em **uma** dinâmica socioespacial, com suas especificidades e particularidades. Observe-se que parte considerável da pesquisa ancorada nas universidades de um estado da federação – como as universidades do estado de São Paulo, por exemplo – dedica-se à compreensão de suas próprias dinâmicas urbanas e regionais. Essa ousadia e esse trabalho de pesquisa sobre dez áreas urbanas em contextos regionais diversos entre si tinham alguns objetivos evidenciados no resumo do projeto, detalhadamente exposto na introdução do livro pelos coordenadores da pesquisa: tratava-se de revolver a tradição de pesquisa do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço Urbano e Redefinições Regionais (GAsPERR) e da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe), em direção à construção de uma compreensão ampliada dos processos de transformação urbana lidos pela ótica da fragmentação socioespacial, tanto em escala de âmbito mais generalizado como nas dimensões mais específicas e particularizadas.

Outra dimensão muito interessante dos capítulos deste livro é a explicitação, em vários de seus momentos, dos diálogos com as referências bibliográficas tanto advindas da geografia urbana como de outras disciplinas voltadas para o estudo das cidades e das periferias em particular, mobilizando contribuições de dentro e de fora da produção acadêmica brasileira. Além da explicitação de referências, em cada capítulo são minuciosamente expostos os processos de pesquisa e suas injunções metodológicas, que se apoiam na combinação de procedimentos quantitativos e qualitativos, em textos clássicos e contemporâneos e fotografias, além dos procedimentos cartográficos que, elucidando os arranjos, rearranjos e transformações socioespaciais, permitem que o leitor apreenda não apenas um conjunto de resultados de análise, mas também os caminhos que conduziram os processos de investigação.

Nessas tramas e fluxos de informação e de sistematização, as relações de tensão, manutenção e transformação das relações centro-periferia, nas suas pluralidades, deslizam em direção à matriz da fragmentação socioespacial a partir de escalas, vetores, ritmos e formas diversas. A palavra que utilizo aqui – “deslizamentos” – também matizada pelo plural, insiste na pergunta sobre o que afinal constitui e reconstitui, faz e refaz as periferias urbanas

no momento contemporâneo. Esse modo de perceber ao mesmo tempo manutenção e reconfiguração dos objetos a partir dos quais a leitura das áreas urbanas foi realizada insiste nas lentes da fragmentação sem deixar de lado a persistência e até mesmo o recrudescimento das desigualdades que desenham o que se denomina como **situação e condição** periférica em cada contexto. Indissociáveis, essas duas dimensões oferecem a têmpera da argumentação em cada um dos capítulos que ora aproximam condição de moradia e condição urbana, ora trazem como olhar privilegiado para compreender as práticas espaciais o lazer e o que se entende como espaços públicos nas periferias, ou ainda os equipamentos urbanos como os Centros Educacionais Unificados - CEUs e sua apropriação. Vão ganhando então densidade socioespacial alguns temas clássicos que são revisitados a partir dos planos e dimensões de análise desenvolvidos pelos pesquisadores. Alguns desses temas foram e continuam sendo eixos de discussões de difícil resolução, como as relações entre favelas e periferias ou as relações entre centros em sua multiplicidade - as policentralidades - e os contextos e situações periféricas em suas práticas espaciais, na condição simultânea de sujeitos e assujeitados, de suas ações e dos contextos estruturantes que desenham e contribuem para a manutenção de sua condição.

Tal como se explicita na introdução, contemplam-se por meio dos resultados de pesquisa os planos de análise que compuseram o leque de questões já presentes no projeto: Centro, centralidade, policentralidade e mobilidade; Práticas espaciais e cotidianos; Espaço público; e Produção e consumo da habitação. A tensão entre a lógica espacial que se expressa nas relações entre centros e periferias e sua leitura a partir da fragmentação socioespacial se densifica ao longo dos capítulos que compõem o livro. Essas relações e processos são lidos minuciosamente, revelando um conjunto de práticas e de representações e imaginários que incidem e resultam dos processos de deslizamentos, rearranjos e fluxos no cotidiano dos cidadãos.

Nesse conjunto de textos, aparecem ainda temas como o das tecnologias de informação, as questões de mobilidade e acessibilidade a equipamentos e serviços e a presença e uso de equipamentos urbanos nas áreas periféricas, compondo um conjunto de dobraduras e relações que acabam por apontar para a necessidade de elaboração e reelaboração conceitual inter e transdisciplinar, necessariamente embebida e ancorada em relações

dialéticas entre “espaços públicos, fragmentação socioespacial e periferias urbanas”.

Neste volume, um dos quatro livros que concretizam a sistematização e análise dos resultados de pesquisa, tanto os planos de análise do projeto proposto quanto as cinco dimensões empíricas estão presentes. São elas: habitar, consumir, trabalhar, as atividades de lazer e as formas e modos de circulação. Elas operam, como observa-se na introdução, como pontes, como elos de ligação ou de interlocução e aproximação nada simples entre teoria e empiria. A densidade das abordagens de cada uma dessas dimensões acaba por variar em função da relevância maior de algumas delas para a compreensão dos objetos de análise – as periferias – especialmente o habitar e o circular, cujo rendimento para a apreensão das formas de fragmentação socioespacial foi especialmente significativo. Morar – isto é, permanecer em situações e condições periféricas em transformação – e circular – mergulhando obrigatoriamente nos fluxos urbanos – são assim ângulos de visão, perspectivas que acabaram ganhando maior densidade, ainda que essas cinco portas ou elos entre a elaboração conceitual e as dimensões empíricas compareçam na composição do livro.

Ainda importa ressaltar que o tema central do livro – as periferias urbanas –, interpretado pelas lentes da fragmentação socioespacial, vem passando, há décadas, por revisões, questionamentos, releituras. Forma espacial da moradia dos estratos e classes mais pobres, vêm se transformando *pari passu* com um conjunto de reconfigurações no âmbito das relações trabalho/cidade, produção/reprodução, a partir de novas formas de engajamento produtivo, fortemente vinculadas às transformações socioeconômicas, mas também de reconfigurações das dimensões estruturantes das relações sociais e formas de sociabilidade, a partir de um encolhimento das relações sociais que nasciam dos vínculos e das conformações espaciais e urbanas do assalariamento, substituídos por todo um outro conjunto de modos de trabalhar e de viver. Assim também, sobretudo do ponto de vista das relações entre situação e condição periférica, todo um universo de representações simbólicas, uma forte reconfiguração do imaginário, das expressões culturais, dos dispositivos de subjetivação vêm ainda se articulando em constelações que apontam – como este livro demonstra – que há movimentos, há acomodações e redesenhos, há, tal como o tema incita e demonstra, novas e velhas contradições que se constituem em situações objetivas e dis-

positivos de subjetivação que é preciso apreender e compreender para que se possa dar conta das conformações urbanas e dos sujeitos e práticas em mutação no momento contemporâneo, para que se possa enfim retomar e densificar as lutas que se aglutinam em torno do direito à cidade, em torno da "construção de uma cidade que supere sua condição de fragmentação socioespacial".